

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO COMBATE À VIOLÊNCIA DE GÊNERO E NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA¹

Miriam Vasconcelos Ferreira ²

Iêdo de Oliveira Paes³

RESUMO

Este artigo é um exercício teórico-reflexivo e tem como objetivo analisar através do conto “Shirley Paixão”, no livro - “Insubmissas lágrimas de mulher” - (2016), de Conceição Evaristo, as violências perpetradas pela sociedade patriarcal contra a mulher, destacando à Literatura como elemento de ligação, ferramenta de reflexão e formação do pensamento crítico dos estudantes, bem como compreensão das dinâmicas de poder e da estrutura hierárquica de gênero presente na sociedade. Tencionamos denotar como as problemáticas levantadas em textos teóricos e ficcionais podem contribuir na identificação das possíveis violências em seu entorno. Acreditamos que ações pedagógicas centradas no texto, (leitura, debate, roda de conversa, criação de podcast), entre outros instrumentos pedagógicos, possam auxiliar na construção de mecanismos internos e atitudes afirmativas na direção do enfrentamento da violência. Consideramos à Literatura um meio para o fortalecimento dessas discussões e caminho para uma educação libertadora. Para isso buscamos ancorar nossas teses no referencial teórico sobre as concepções do direito amplo à Literatura de Antonio Candido (2011); educação, liberdade e pensamento crítico nos textos de bell hooks (2013) e Paulo Freire (1979), e na institucionalização do poder e

¹ Trabalho apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE, sob orientação do Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes, no primeiro semestre de 2023.

² Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE, miriamvasconcelos4014@gmail.com.

³ Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

docilização de corpos e mentes na visão de Michel Foucault (1987), dentre outros autores.

Palavras-Chave: Literatura feminina. Violência de gênero. Educação.

APORTES DE LA LITERATURA DE MUJERES EN LA LUCHA CONTRA LA VIOLENCIA DE GÉNERO Y EN LA CONSTRUCCIÓN DE UNA EDUCACIÓN LIBERADORA

RESUMEN

Este artículo es un ejercicio teórico-reflexivo y tiene como objetivo analizar a través del cuento "Shirley Paixão", en el libro - "Insubmissas lágrimas de mulher" - (2016), de Conceição Evaristo, la violencia perpetrada por la sociedad patriarcal contra las mujeres, destacando a la Literatura como elemento nexo de unión, herramienta para la reflexión y formación del pensamiento crítico de los estudiantes, así como para comprender las dinámicas de poder y la estructura jerárquica de género presente en la sociedad. Pretendemos señalar cómo los problemas planteados en textos teóricos y ficcionales pueden contribuir a la identificación de posibles violencias en su entorno. Creemos que las acciones pedagógicas centradas en el texto (lectura, debate, ruedas de conversación, creación de podcasts), entre otros instrumentos pedagógicos, pueden ayudar a construir mecanismos internos y actitudes afirmativas para enfrentar la violencia. Consideramos la Literatura un medio para fortalecer estas discusiones y un camino hacia una educación liberadora. Para ello, buscamos anclar nuestras tesis en el marco teórico sobre las concepciones del derecho amplio a la Literatura de Antonio Candido (2011); educación, libertad y pensamiento crítico en los textos de bell hooks (2013) y Paulo Freire (1979), y en la institucionalización del poder y docilidad de cuerpos y mentes en la mirada de Michel Foucault (1987), entre otros autores.

Palabras-clave: Literatura femenina. Violencia de género. Educación.

“Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem⁴.”
(LUXEMBURGO, Rosa)

1. IDEIAS E PALAVRAS INICIAIS

A motivação para a escritura deste trabalho deveu-se à inquietação da autora, que vem observando atentamente nos espaços sociais a que percorre, inclusive os escolares, ao não arrefecimento da violência de gênero, particularmente em relação à mulher. Percebemos ainda que essas práticas são atemporais e não estão restritas a nenhuma classe, local ou contexto social. Mesmo depois de todos os avanços na construção de um aparato de leis e outras medidas institucionais protetivas que visem combater a violência a fim de garantir a mulheres e meninas igualdade de direitos, uma vida livre, digna e com respeito, não estamos tendo êxito enquanto sociedade organizada e que se diz civilizada.

As mulheres são “treinadas” pela família e sociedade para não descobrirem sua força, incluindo sua voz. Muitas vezes esse processo começa ainda na infância, quando mães, pais e responsáveis não orientaram nem lhes ofereceram uma educação feminista e emancipadora. Na maioria das vezes não podem ser culpabilizadas, pois normalmente os responsáveis reproduzem um modelo de educação a que foram submetidos.

Sendo assim, meninas e meninos em casa, tampouco na escola, têm contato com textos, ideias ou Literatura feminista, o que pode levá-los a ter muita dificuldade em distinguir e identificar os diversos tipos de violência que os rodeiam, bem como reconhecer no mundo e neles próprios, possíveis comportamentos machistas que reproduzem, assim como as situações de exploração, opressão e as violências a que porventura sejam submetidos.

É preciso engajá-los na luta contra à violência, o machismo e o sexismo enraizado na sociedade, no empenho pela emancipação feminina, no reconhecimento de seus direitos em uma sociedade patriarcal, que teima em educar os homens em uma cultura de violação dos direitos femininos, dos diferentes, dos que não se

⁴ Frase atribuída a Rosa Luxemburgo, filósofa, economista e uma das principais revolucionárias marxistas do século XIX.

enquadram, normatizando comportamentos e práticas abusivas, apesar destes já serem criminalizados, bem como combater essas violências em todos os espaços, incluindo o escolar.

A sociedade ainda normatiza diversos tipos de comportamentos e violências impostas à mulher, que vão da agressão verbal à física, e tantos outros tipos de violência. É preciso sensibilizar os estudantes sobre a violação de seus direitos e de sua dignidade. A escola pública como microcosmo da sociedade, pode reproduzir, reforçar ou trabalhar para refutar comportamentos homofóbicos, machistas e sexistas, fornecendo educação libertadora. Como diria Freire (2000, p. 41) “Se de um lado a educação não é a alavanca das transformações sociais, de outro, estas não se fazem sem ela”.

2. APORTES TEÓRICOS

Este trabalho é baseado na metodologia qualitativa e será realizado através de revisão bibliográfica. Dentro das discussões de gênero, fez-se um recorte com vistas a refletir sobre a violência contra a mulher, utilizando como *corpus*, o conto “Shirley Paixão” de Conceição Evaristo, que denuncia a violência sexual, moral, psicológica e outras violências que comprometem a saúde física, mental e emocional da mulher.

Ancoramos nossas teses no referencial teórico sobre as concepções do direito amplo à Literatura de Antonio Candido; educação, liberdade e formação do pensamento crítico nos textos de bell hooks e Paulo Freire; bem como nas teorias de Michel Foucault sobre o “lado B” da escola, muitas vezes mais preocupada com os processos avaliativos, atingimento de metas institucionais, bem como em parceria com o Estado, no atendimento as necessidades do mercado na formação de sujeitos disciplinados e aptos ao trabalho. Aliado a isso, muitas vezes estão pouco centradas em reais necessidades de formação integral dos estudantes, fornecendo pouca atenção a disciplinas como a Literatura e as disciplinas ligadas as humanidades, que auxiliam os estudantes na formação do pensamento críticos e na expansão da capacidade de “ler o mundo”. Tais fatos podem conduzir ao “sequestro” das individualidades de nossos estudantes, modelando suas condutas, pensamentos e comportamentos.

Pretendemos analisar as marcas da violência no conto “Shirley Paixão”, de Conceição Evaristo em seu livro - “Insubmissas lágrimas de mulher”- (2016), bem como tencionamos discorrer sobre a importância da Literatura feminina como ferramenta de reflexão e formação do pensamento crítico dos estudantes, para que possam compreender as dinâmicas de poder e a estrutura hierárquica de gênero presente em nossa sociedade, destacando o poder da Literatura de autoria feminina como motor de reflexão e enfrentamento da violência de gênero.

Através do tempo e da Literatura, podemos contar a história das que lutaram antes de nós pelo direito a sua voz, pelo direito de assinar seus textos, pelo direito de estudar, de votar, e todo o processo de lutas e conquistas que ainda está em curso. Sabemos que essa ideia de posse é uma construção social, muito conveniente ao homem para justificar a exploração e domínio de corpos e mentes e da negação do direito da mulher de existir em toda a sua subjetividade.

Ainda que tenhamos avançado, lutando através dos séculos por respeito e igualdade de direitos, percebemos na modernidade, a nova roupagem nas falas machistas e sexistas com relação ao gênero, principalmente no discurso religioso, político e cultural que se utiliza de “recortes” e “subterfúgios” para legitimar o controle e a opressão. Situando historicamente, em relação ao progresso da sociedade na busca por igualdade e justiça social, Candido afirma que

[...] de fato, durante muito tempo acreditou-se que, removidos uns tantos obstáculos, como a ignorância e os sistemas despóticos de governo, as conquistas do progresso seriam canalizadas no rumo imaginado pelos utopistas, porque a instrução, o saber e a técnica levariam necessariamente à felicidade coletiva. No entanto, mesmo onde estes obstáculos foram removidos a barbárie continuou entre os homens. Todos sabemos que a nossa época é profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização. Penso que o movimento pelos direitos humanos se entronca aí, pois somos a primeira era da história em que teoricamente é possível entrever uma solução para as grandes desarmonias que geram a injustiça contra a qual lutam os homens de boa vontade à busca, não mais do estado ideal sonhado pelos utopistas racionais que nos antecederam, mas do máximo viável de igualdade e justiça, em correlação a cada momento da história. (CANDIDO, 2011, p. 172)

Nas sociedades machistas e sexistas, meninas e meninos muitas vezes não conseguem perceber através das falas, a princípio apenas desagradáveis, nas

atitudes e comportamentos de pais, irmãos, patrões e companheiros, os abusos por estes cometidos, que muitas vezes são confundidos com proteção, disciplina, “excesso de zelo, de amor” ou apenas ciúme. Muitas vezes, homens controladores e agressores se “vestem” de protetores. Justificam suas atitudes como forma de manutenção e correção da família. Na sociedade brasileira essa é uma prática cultural.

Para Bourdieu (1988, pg. 46) a violência é vista como

[...] produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado.

Infelizmente o discurso feminista ainda hoje é privilegiado e restrito à academia, motivo pela qual muitos estudantes só terão acesso a essas leituras nos cursos de graduação. Apesar de termos avançado nesse sentido, sabemos o quanto as ideias, perspectivas e visão de mundo das mulheres ainda são “caladas” pela grande mídia, principalmente a voz da mulher preta, particularmente nos últimos quatro anos, em que assistimos atônitos a ascensão de um governo de extrema direita que disseminou discursos de ódio e propagou a homofobia, o sexismo e o racismo.

Consideramos que a Literatura feminina pode apontar caminhos para uma educação libertadora e o combate à violência de gênero, discutindo obras de autoras que se debruçaram sobre o tema, pois, como afirma hooks,

Feministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino. Assim como a todas as posições políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação. (hooks, 2018, p. 23)

Nesse sentido, utilizando o texto de Conceição Evaristo, autora que observa os fatos sociais com atenção e sensibilidade, particularmente os relativos ao mundo feminino, tencionamos chamar à atenção dos estudantes para a compreensão das realidades que os cercam, particularmente as relacionadas ao gênero, raça ou classe social.

3. A ESCOLA COMO INSTRUMENTO DO ESTADO NO SEQUESTRO DAS INDIVIDUALIDADES E DOCILIZAÇÃO DE MENTES E CORPOS

Foucault em “Vigiar e Punir” (1987, p.98), traz a ideia das sociedades disciplinares. De acordo com o autor, elas surgiram no século XVIII com o objetivo de vigiar as pessoas que violavam ou poderiam violar as leis, aplicando-lhes vigilância e disciplina. Para o autor, à aplicação dessa vigilância conduz ao poder de disciplinar, levando à modificação, aperfeiçoamento, controle e dominação das atitudes das pessoas e docilização de seus corpos.

Será uma transformação geral de atitude, uma “mudança que pertence ao campo do espírito e da subconsciência”? Talvez. Com maior certeza e mais imediatamente, porém, significa um esforço para ajustar os mecanismos de poder que enquadram a existência dos indivíduos: significa uma adaptação e harmonia dos instrumentos que se encarregam de vigiar o comportamento cotidiano das pessoas, sua identidade, atividade, gestos aparentemente sem importância [...]. (FOUCAULT, 1987, p.98)

O autor estende essa ideia para outros aparelhos do Estado como à escola, muitas vezes mais preocupada em controlar e vigiar do que em proporcionar aos estudantes o exercício do pensamento livre e crítico, fornecer-lhes reais condições de progresso e mobilidade social, bem como educação de qualidade. Nesse sentido, contribui para a reprodução da exclusão e manutenção das relações sociais desiguais, à medida que sustenta um discurso ideológico burguês, (que reforça as ideias estereotipadas acerca da mulher, suas necessidades e visão de mundo), promovendo a padronização de seus comportamentos e “sequestro” de sua individualidade. Acrescentaríamos também a igreja e a família como reprodutores dessa construção social.

Foucault apresenta na última lição do dia 28 de março de 1973 em “A Sociedade punitiva”, considerações a respeito do poder.

Está na hora de falar desse poder. [...] Em primeiro lugar, o esquema teórico da apropriação do poder, ou seja, a ideia de que o poder é algo que se possui, algo que numa sociedade alguns possuem e outros não. Há uma classe que possui o poder: a burguesia. [...] poder é algo exercido em toda a espessura, em toda a superfície do campo social, segundo todo um sistema de intermediações, conexões, pontos de apoio,

coisas tênues como família, relações sexuais, moradia etc. (FOUCAULT, 2015, p. 207)

O autor tece também considerações a respeito das interrelações entre disciplina e família, escola e Estado; ressaltando que na modernidade a escola abandonou os castigos, porém continua mantendo poder através de avaliações, exames e seleção dos estudantes, visando ajuste e adaptação, bem como adestramento para servir à sociedade sem questioná-la.

[...] Há sistemas de poder muito mais amplos que o poder político em seu funcionamento estrito: todo um conjunto de focos de poder que podem ser as relações sexuais, a família, o emprego, a moradia. E o problema não é tanto saber se essas outras instâncias de poder repetem a estrutura do Estado. Pouco importa, no fundo, se a família reproduz o Estado ou vice-versa. A família e o Estado funcionam em relação mútua, apoiando-se um no outro, enfrentando-se eventualmente, num sistema de poder que, numa sociedade como a nossa, pode ser caracterizado como disciplinar de maneira homogênea, ou seja, [em que] o sistema disciplinar é a forma geral na qual o poder se insere, seja ele localizado num aparato estatal ou difuso num sistema geral. (FOUCAULT, 2015, pg. 209,210)

Ainda segundo o mesmo autor, ao longo dos séculos as relações de controle e poder foram se institucionalizando e permeando toda à sociedade de forma insidiosa.

Até o século XVIII, tinha-se uma sociedade na qual o poder assumia a forma visível, solene e ritual da hierarquia e da soberania. [...] No século XIX, aquilo por cujo intermédio o poder se efetua já não é a forma solene, visível e ritual da soberania, e sim o hábito imposto a alguns, ou a todos, mas para que, de início e fundamentalmente, alguns se curvem obrigatoriamente a ele. Nessas condições o poder pode abandonar toda aquela suntuosidade dos rituais visíveis, todas as suas roupagens e todas as suas marcas. Assumirá a forma insidiosa, cotidiana e habitual da norma, e é assim que ele se esconde como poder e se apresenta como sociedade. (FOUCAULT, 2015, pg. 217)

A teoria do “sequestro” das individualidades vai de encontro ao que pode ser observado na escola pública de hoje: estruturas físicas que oprimem, (escolas gradeadas, superlotadas, quentes, com estrutura física deficiente). No que diz respeito especificamente ao ensino de Literatura no Ensino Médio, podemos dizer que a falta de bibliotecas, ensino centrado na gramática, currículos cada dia mais voltados para

as exigências do sistema capitalista e do mercado, afastam os estudantes do texto literário. Tudo isso leva os estudantes a navegar em processos pouco produtivos, desconexos de suas vidas e meios sociais, bem como na dificuldade em questionar seus problemas, as grandes questões pessoais, nacionais e mundiais, colaborando para a alienação do indivíduo.

A escola precisa trabalhar para a emancipação econômica, social, emocional e intelectual de nossos estudantes, mas também buscar caminhos para uma educação libertadora, que realmente auxilie os estudantes a compreender o mundo e as complexidades das relações interpessoais, partindo já das relações entre estudantes e professores, que devem ser pautadas no respeito ao livre pensamento.

4. A IMPORTÂNCIA E O DIREITO À LITERATURA NA FORMAÇÃO SOCIAL DOS ESTUDANTES

Para Candido (2011, p. 182), a Literatura é um bem cultural e tem o poder de humanizar e promover “[...] o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida [...]”, indispensáveis para a formação humana, a compreensão do mundo, da sociedade e de nossos semelhantes, pois “[...] manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos.” (2011, p. 178,179). Por meio do texto literário é possível refletir sobre o modo de ver a vida e de se posicionar no mundo, bem como modificar as realidades em nosso entorno.

O autor ainda ressalta que

[...] nas nossas sociedades, a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção [...]. (CANDIDO, 2011, pg. 177)

Candido (2011, p. 183), chama ainda atenção para o poder da “Literatura social”, na qual o autor assume posições de discussão e enfrentamento dos problemas sociais, utilizando o viés ético, político ou humanístico. Essa Literatura nos leva à reflexão crítica, questionamento e combate aos dogmas impostos pela

sociedade, quando toca, foca e revela as inúmeras situações de violência, servidão, negação ou cerceamento de direitos de um determinado grupo social, alinhando-se com a luta pelos direitos humanos.

Isto posto, acreditamos que sendo a Literatura repleta de subjetividades, deve-se oferecer ao estudante um lugar de descobertas, alegrias, encontros, mas também de liberdade de opinião, expressão e crítica; entendimento de qual o seu papel na sociedade, do reconhecimento de sua individualidade e de sua própria subjetividade.

Quando se pensa em levantar discussões de gênero, classe e raça na escola amparado por um texto literário, devemos nos questionar sobre de que maneira os professores de Língua Portuguesa estão trabalhando esses temas em sala de aula.

5. A FORÇA DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA – ANÁLISE DO CONTO “SHIRLEY PAIXÃO”

A escolha da autora e obra para análise, deveu-se ao fato de que encontramos com predominância nos textos de Evaristo as questões de gênero, classe e raça, bem como as questões de violência tão presentes no universo feminino. Ao levantar tais temas, a autora tem colaborado para a manutenção das discussões em torno do assunto na academia e na sociedade, bem como para o fortalecimento de uma política feminista e antirracista.

Em seu livro - “Insubmissas lágrimas de mulher” – (2016), a autora escreveu treze contos, onde deu a todos nomes femininos fortes. Essa escolha coaduna com a dureza de seus textos, que são contados quase que de forma intimista, pois são histórias contadas de mulher para mulher. Sua escrita é marcada por um termo que ela própria chamou de “escrevivência”, que segundo ela, é uma mistura das palavras viver, escrever, ver-se escrever e vendo-se viver. A autora afirma que escreve a partir do que ouve: “Ouço muito. Da outra voz, faço a minha [...]”. (EVARISTO, pg. 3)

Porém esclarece ao leitor que

“[...] estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. (EVARISTO, 2011, p. 9).

Nossos estudantes estão cada dia mais imersos no mundo virtual. Como reter sua atenção em um determinado texto/gênero? Acreditamos que o conto por ser um texto curto, popular, (tradicionalmente pertencente a tradição oral), onde o espaço é delimitado, possui poucos personagens, há apenas um narrador contando a história, possuir estrutura e enredo enxutos, possa dinamizar o trabalho com o texto literário.

Os contos da autora têm a marca do realismo e da denúncia social, onde observamos a preocupação com os que estão à margem da sociedade. Essas temáticas podem despertar o interesse dos estudantes da escola pública na medida em que se aproximam de suas realidades. Neste sentido, Freire argumenta que

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. [...]. A educação não é um processo de adaptação. (FREIRE, 1979, p. 16)

Logo, podemos entender a Literatura como um produto cultural que será adquirido, cultivado e transmitido, que influenciará no processo de formação de nosso estudante, auxiliando-os a compreender a diversidade e complexidade da sociedade e seus conflitos, operando como mecanismo de reconhecimento e denúncia de abusos, violências, injustiças e desigualdades.

Conceição Evaristo mulher negra, mineira, na infância conheceu a miséria morando em favelas. Enquanto trabalhava em serviços domésticos, estudava para melhorar de vida como milhares de meninas ontem e hoje no Brasil. Mais tarde migrou para Rio de Janeiro onde se graduou em Letras pela UFRJ. Em seu projeto literário, a autora busca romper com a maneira com que muitas vezes à Literatura e à sociedade veem as mulheres negras de maneira preconcebida, as vezes invisibilizadas, outras, reduzidas a seus atributos físicos e sensuais. Em suas obras, à autora preocupa-se em desenvolver personagens fortes, cultas, protagonistas de suas histórias e conscientes de suas escolhas, oferecendo um novo horizonte na forma de apresentar e representar o universo feminino, revelando o compromisso de sua Literatura com a vida das mulheres, suas realidades e sonhos. Como Candido, Evaristo mostra acreditar que todos devem ter direito a leitura e a escrita, quando dá voz aos que a sociedade quer calar, pois para Candido, (2011, p. 188), a Literatura é uma “necessidade universal” e um direito que quando não é oferecida, pode prejudicar

a formação da personalidade e visão de mundo, pois “[...] da forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos [...]” (2011, pg. 188).

Neste conto, a autora trata das várias formas de violência que perpassam o universo feminino, mostrando como a violência sexual afeta à todas as mulheres envolvidas, que no conto em tela, vitimou não apenas a personagem título, mas principalmente uma de suas filhas, sendo que as outras menores não foram poupadas dos traumas acarretados pela violência.

O enredo é desenvolvido no espaço que a sociedade chama de “casa de família tradicional brasileira”, onde o homem é o chefe, o provedor, e as mulheres a sua volta se ocupam com a casa, os filhos e em servi-lo. Lugar comum e delimitado, apresentando uma situação que de tão normal, se confunde com a realidade social, que é o relacionamento de uma mulher com um viúvo. “Quando ele veio para minha casa, trouxe as três meninas. Elas ainda eram pequenas, as minhas duas regulavam com as dele.” (EVARISTO, 2016, pg. 21).

Sobre o papel da Literatura como reflexo da vida e da sociedade, Candido nos lembra que

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CÂNDIDO, 2011, p. 177)

A personagem título tem sua vida marcada pelo abandono. O pai de suas duas meninas evadiu-se sem dar adeus. Shirley pensou haver encontrado no novo companheiro para a vida. Destacamos que a autora não nomeou propositalmente o único personagem masculino do conto, o marido de Shirley, que a própria chamará apenas de “homem”. Além deste, existem apenas Seni, a filha mais velha, a vizinha Luiza e a amiga.

Em relação ao narrador, podemos dizer que o conto é narrado em primeira pessoa, utiliza discurso direto, bem como o narrador é auto diegético, pois narra todas as ações que acontecem em torno de si, à medida que como protagonista, vai amalhando todos os detalhes, minucias, sentimentos, narrando a história a partir de seu ponto de vista.

No conto em tela, as dinâmicas tempo-espaço, proporcionam ao leitor a visualização dos fatos em sequência, de forma que o leitor compreenda toda a evolução do enredo, o drama e a situação de verossimilhança com a vida de qualquer mulher, aproximando leitor e personagem.

A personagem título inicia descrevendo a relação familiar como tranquila, acrescentando que os desentendimentos com o marido eram por questões corriqueiras. “Havia anos que estávamos juntos” (EVARISTO, 2016, pg. 21). O clímax da trama acontece em um intervalo de tempo de algumas horas: chegada do homem em casa; comentário de Shirley sobre a conversa com a psicóloga da escola de Seni; acesso de raiva do pai; expulsão do pai da sala; retorno do pai à casa para agredir e violar Seni; Seni acorda as irmãs com seus gritos de socorro; golpe de Shirley com a barra de ferro na cabeça do homem; prisão de Shirley.

A personagem título recorre ainda ao recurso da analepse, para informar que tais fatos ocorreram há quase trinta anos e que das meninas, apenas Seni e a mais nova ainda moram com ela. A irmandade feminina foi fortalecida ao longo dos anos com a chegada das netas. Seni tornou-se médica pediatra e continua tentando vencer as dores do passado, protegendo e cuidando de seus pequenos pacientes. As dores da violência contra a mulher vão muito além da dor física. Algumas conseguem transmutar essa dor cuidando para que outras não tenham que passar por isso.

Sobre o sexismo e a dominação masculina hooks nos diz que

[...] o homem pobre ou da classe trabalhadora que foi sociabilizado pela ideologia sexista a acreditar que há privilégios e poderes que ele deve possuir unicamente por ser homem descobre, muitas vezes, que poucos ou nenhuns desses benefícios lhe são atribuídos automaticamente na sua vida. [...] Quando bate numa mulher ou a viola, não está a exercer o privilégio ou a auferir recompensas positivas; pode ficar satisfeito por exercer a única forma de domínio que lhe é permitida. A estrutura do poder masculino da classe dominante que incentiva o abuso sexista das mulheres auferem os verdadeiros benefícios materiais e privilégios das suas ações. [...] Ele é um opressor. Ele é um inimigo das mulheres. Ele é um inimigo dele mesmo. (hooks, 2019, pg. 58)

Desde o começo, Shirley estranhou o comportamento calado da filha mais velha de seu marido próxima já aos nove anos, porém respeitou seu silêncio, tomando-o como saudades da mãe ou incompreensão por sua morte. Percebeu que Seni não era a preferida do pai, pois este vivia implicando e não tinha paciência com a menina.

Seni cresceu e se destacava pelo zelo, proteção e excesso de cuidado para com as irmãs. Na escola, chamou a atenção pela sua mania de perfeição e uma grande autocensura. O pai por sua vez continuava tratando Seni com deboche, desvalorizando-a. Meninas e meninos quando assediados podem se sentir culpados, pois não tem maturidade emocional para elaborar que são vítimas, que não são responsáveis pelo comportamento do assediador, embora muitas vezes se sintam. Esse sentimento de culpa por vezes os persegue por toda a vida, junto com outros comportamentos como baixa autoestima, isolamento social, ansiedade, depressão, compulsão, entre muitas outras patologias psicossociais.

Sobre submissão e culpa, Bourdieu (1989, pg. 52) argumenta que

[...] é preciso assinalar não só que as tendências à "submissão", dadas por vezes como pretexto para "culpar a vítima", são resultantes das estruturas objetivas, como também que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que elas desencadeiam e que contribuem para sua reprodução. O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder.

Mesmo com medo, Shirley encarou a fúria do marido para proteger aquela que também era sua filha. Gritou e enxotou o homem para fora de casa. Arrependeu-se de ter confiado naquele homem. Por defender sua filha, Shirley passou três anos na cadeia, privada do convívio com as meninas que tanto amava.

Observamos no trecho abaixo toda a fúria com que o pai atacou sua filha mais velha.

E avançou sobre Seni, gritando, xingando os maiores impropérios, rasgando suas vestes e expondo à nudez aquele corpo ainda meio menina, violentado diversas vezes por ele, desde quando a mãe dela falecera. [...] Só podia ser ele, mas não imaginava a brutalidade da cena. [...] Foi quando assisti à cena mais dolorosa de minha vida. Um homem esbravejando,

tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. [...] Seria matar ou morrer. [...] Uma pequena barra de ferro, que funcionava como uma tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto. Foi só um levantar e abaixar da barra. Quando vi, o animal ruim caiu estatelado no chão. (EVARISTO, 2016, pg. 32)

O trabalho em sala de aula com contos como o texto em tela, bem como de outras autoras da Literatura feminina, pode funcionar como elemento reflexão e reconhecimento das possíveis situações de violências que ocorrem cotidianamente em casa, na rua, no trabalho, na escola; levantando discussões sobre os sinais, causas e consequências dessas violências. Acreditamos que o trabalho com esses textos deva produzir discussões na direção do enfrentamento desses crimes, apontando alternativas para a construção de uma sociedade mais igualitária, pois como afirma hooks, (2018, p. 36) “[...] ser vítima de um sistema explorador e opressor e até mesmo resistir a ele não significa que entendemos por que ele existe ou como mudá-lo”.

Até quando seremos penalizadas apenas por nos defender, apenas por sermos mulher?

6. CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO COMBATE À VIOLÊNCIA DE GÊNERO E NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Ao logo dos séculos os homens se esforçaram para manter a hegemonia de suas narrativas na Literatura, como mostra a pesquisa da professora Regina Dalcastagnè, estudiosa do romance brasileiro, doutora em Teoria Literária pela UNICAMP.

Em seu grupo de estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília, coordenou um estudo intitulado - “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004” - (DALCASTAGNÈ, 2005), onde em um recorte, foram analisados 692 romances lançados pelas editoras Rocco, Companhia da Letras e Record, nos períodos de 1990 a 2004.

A pesquisa da professora é bastante ampla e não cabe neste espaço uma maior explanação. Em linhas gerais podemos dizer que mostra por exemplo, que a maioria dos escritores brasileiros são homens brancos, adultos, heterossexuais, de classe média. São urbanos, moram em capitais como o Rio de Janeiro ou São Paulo. (DALCASTAGNÈ, 2005). Esses homens monopolizam a literatura em seus lugares de fala, aproximando seus personagens de suas realidades, ecoando seus pontos de vista e visão de mundo, colaborando com o apagamento da voz de outros grupos como o das mulheres, dos pretos e dos pobres. Essa descoberta causou um sentimento de “desconforto” no início da pesquisa, conforme sugere Dalcastagnè.

A pesquisa da professora mostra ainda que a maioria desses homens frequenta lugares de prestígio na sociedade. Estão nas universidades, escrevem para jornais, colaboram na elaboração de livros didáticos, ocupam cargos políticos, estão nas mídias e na TV, na ABL, onde perpetuam e repassam suas ideologias e autoridade masculina. Ou seja, a dominação masculina que é combatida há séculos pelas feministas, está fortemente marcada na literatura, pois os autores não conseguem se afastar de seus princípios, valores e moral, nem mesmo quando a trama é focada em alguma personagem feminina, pois o lugar de fala e a perspectiva social do autor é destacada em seu texto.

Como exemplo podemos citar - “Dom Casmurro” - (1899), de Machado de Assis. O protagonista Bentinho, narrador da história, desconfia que sua esposa Capitú o tenha traído, depois de “achar” seu filho muito parecido com seu melhor amigo. Bentinho cala Capitu quando decide sozinho e sem conversar com a esposa, se separar e enviá-la ao estrangeiro sem maiores explicações. Lembramos ainda das obras de José Lins do Rego - “Menino do engenho” - (1932), bem como em - “Gabriela, cravo e canela” - (1958), de Jorge Amado onde se justificava o assassinato de mulheres com a pretensão de “lavar a honra” masculina, entre tantas outras obras.

O fato é que podemos observar desde o século XIX em várias obras da Literatura brasileira o registro da violência física e simbólica contra a mulher, refletindo como essa cultura é dominante e foi incorporada e normalizada na família e na sociedade brasileira, refletindo à exclusão da voz da mulher na Literatura, que aparece apenas como personagem, mal representada e estereotipada em papéis ora agressivos, ora subalternos.

Apesar do “cânone” ter gênero, classe e raça, a luta por direitos, liberdade e educação por parte das mulheres no Brasil é antiga. A escritora e educadora Nísia Floresta lançou - “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” - (1932), sendo a primeira escritora a dedicar-se aos estudos de gênero no Brasil e pioneira nessa luta, denunciando o mito da superioridade masculina, bem como defendendo o direito da mulher à educação, igualdade e respeito.

Em meio a avanços e retrocessos, poucas mulheres conseguiam acesso à educação formal ou ingressar em universidades. Seus escritos eram apenas publicados em “jornais femininos”, considerados sem relevância pela imprensa da época, que repercutia mal as conquistas educacionais e profissionais das mulheres, argumentando que não seria possível à mulher trabalhar fora e cuidar de sua família. Mulheres da classe média e alta não eram bem-vistas nas universidades e no mercado de trabalho. À sociedade da época aceitava que apenas mulheres pobres trabalhassem em serviços domésticos ou como operárias.

Década após década, a reboque das transformações sociais, culturais e políticas que sacudiam o Brasil, a produção na Literatura feminina e social galgava novos espaços. A professora e pesquisadora da UFMG Constância Lima Duarte em seu artigo - “Feminismo e literatura: discurso e história” – (2003), traça um panorama sobre o processo de avanços e conquistas na Literatura feminina.

Cada dia mais conscientes de seu papel na sociedade e do seu direito de fala, mulheres como a escritora Rosalina Coelho Lisboa (1990-1975) foi premiada pela Academia Brasileira de Letras e aclamada pela imprensa pelo seu livro de poesia - “Rito Pagão” - (1921). No ano seguinte, próximo a Semana de Arte Moderna, Ercília Nogueira Cobra (1881-1938), lançou seu primeiro livro - “Virgindade inútil – novela de uma revoltada” - (1922), obra que causou polemica à época, pois discutia temas como a exploração sexual e trabalhista da mulher. No gênero romance Raquel de Queiroz (1910 -2003), lança – “O Quinze” – (1930), obra de cunho regional e social, centrado na seca que dominou o nordeste em 1915, onde a autora mostra através de uma personagem (a professora Conceição) que as mulheres poderiam escolher o seu destino, bem como a fragilidade do homem frente à seca. Raquel deu um grande passo na direção da emancipação social da mulher, pois além de entrar para o mundo das letras, começou a frequentar redação de jornais e participar de atividades político partidárias.

A partir dos anos setenta a Literatura brasileira começou a oferecer recursos para o enfrentamento da violência, quando nossas autoras começaram a dar voz a seus próprios personagens, muitas vezes inspiradas nos movimentos feministas que sacudiam à Europa e à América, como também observando as profundas transformações que ocorreram na família com o controle da maternidade.

Podemos destacar entre as brilhantes autoras brasileiras, nomes como Rose Marie Muraro, Nélide Piñon, Lygia Fagundes Telles, Hilda Hilst, Lya Luft e Clarice Lispector que através de sua personagem Cidinha, mostra como a mulher, independentemente de sua classe social, é suscetível as várias formas de violência em situações tão comuns como uma viagem de trem. Essas e outras tantas autoras através de seus textos questionaram a condição da mulher em todos os espaços sociais, bem como fortaleceram as discussões em torno de temas muitas vezes polêmicos que circundam o universo feminino, incluindo a violência de gênero, mostrando a condição de subalternidade da mulher na família, no trabalho e na sociedade.

A partir dessas discussões a sociedade evoluiu na direção de criar os já mencionados mecanismos de defesa institucionais, uma vez que ao longo dos anos oitenta os debates e a produção de textos voltados à pautas femininas foram se fortalecendo na academia entre estudantes e professores, que procuraram institucionalizar os estudos sobre gênero, mulher, raça e classe através de seminários, criação de grupos de estudo e trabalho, a fim de promover troca de ideias e saberes, garantindo a expansão dessa produção principalmente para fora da academia.

Carolina Maria de Jesus lança - “Quarto de despejo” - (1960). A obra reuniu cerca de vinte cadernos escritos pela autora, mulher pobre, preta, favelada, sem instrução formal. Nos textos a autora relata sua vida de catadora de material reciclável em São Paulo. Podemos observar nos textos da autora, a dureza da solidão da mulher negra.

Conceição Evaristo estreia na Literatura nos anos noventa, quando tem seis de seus poemas inclusos na coletânea “Cadernos Negros”, publicação que tinha como objetivo divulgar a produção escrita afro-brasileira. Em seguida, a autora publicou os romances - “Ponciá Vicêncio” - (2003) e - “Becos da Memória” - (2006). Publicou também o livro de poemas intitulado - “Poemas da recordação e outros movimentos”

- (2008). Posteriormente lançou seu primeiro livro de contos, - “Insubmissas lágrimas de mulher” - (2011), de onde destacamos o conto “Shirley paixão” em análise neste trabalho.

Os textos das autoras acima citadas repercutiram nos veículos de comunicação, na imprensa, nos meios literários e em toda a sociedade, contribuindo na discussão e construção do que viriam a ser no futuro os mecanismos de defesa institucionais no combate à violência contra mulher, como a Lei Maria da Penha, Lei 11.340 (2006). Essas autoras através de seus textos, deram grandes passos na direção da construção de uma educação libertadora, na medida que passaram a mostrar através de seus próprios personagens, o olhar e a perspectiva da mulher sobre a família, os costumes, relacionamentos, seus corpos, sua sexualidade e a sociedade em geral.

Apesar de termos avançado muito no combate à violência de gênero especialmente contra a mulher, como dissemos no início de nosso trabalho, a mídia e as estatísticas nos mostram que por ser um problema social e crônico, a criação, sanção e aplicação da Lei não basta. Acreditamos ser necessário a realização de um trabalho de base forte na escola.

O trabalho em sala de aula com textos da Literatura de autoria feminina que explore as questões de gênero e as marcas da violência contra a mulher, colabora com a formação do leitor cidadão e na valorização dos direitos humanos, à medida que os estudantes são conduzidos através da leitura crítica desses textos a questionarem a opressão e as formas de violência a que são submetidas as personagens femininas nas obras, trazendo isso para o contexto de hoje da mulher em um processo de alteridade.

Através das possíveis articulações dos textos com suas dinâmicas sociais, os estudantes podem reavaliar suas posturas, de modo que possam atuar como agentes na promoção de uma cultura de igualdade e de paz. Acreditamos que o espaço escolar deva se abrir constantemente para o debate e a reflexão sobre ética, moral e liberdades individuais, bem como trazer para o centro do debate as regras de dominação ainda hoje impostas à mulher pela família, igreja e Estado.

Nessa perspectiva, acreditamos que o professor de LP poderia através de um planejamento cuidadoso, organizar suas aulas de Literatura de forma que consiga

ultrapassar o entendimento dos sentidos e significados das palavras, buscando identificar nos textos literários ligados as questões culturais e identitárias, suas ideologias, construções e o diálogo com outros textos. Sabemos que não é uma tarefa fácil, mas acreditamos ser possível.

7. CONSIDERAÇÕES INACABADAS

O objetivo deste ensaio não é o de provocar nenhuma grande transformação na condução das aulas de Literatura na escola pública, mas apenas apontar caminhos. Através do trabalho com textos de autoras como Conceição Evaristo em seu livro -“Insubmissas lágrimas de mulher” - (2016), bem como com textos de outras autoras representantes da Literatura de autoria feminina, pretendemos chamar a atenção de nossos estudantes sobre como esses textos podem colaborar para na identificação das possíveis violências do dia a dia, bem como sobre a importante refletir e reagir à essas violências, sensibilizando os estudantes para que se juntem na luta por direitos sociais, combate a homofobia, ao machismo, sexismo e misoginia, pois essa luta ainda está em curso e pelo que observamos no cenário nacional e mundial, longe de acabar.

Ao abordar o tema relacionado à violência contra a mulher, Evaristo contribui para que se revele as particularidades das violências impostas à mulher, em casa, na rua, na sociedade, apontando que tais práticas fazem parte de um conjunto de crenças e de uma cultura já normatizada muitas vezes pela família, igreja, estado e sociedade, impostas a muitas mulheres, que precisam ser percebidas, refletidas e combatidas.

Nossos pressupostos foram baseados nas concepções do direito amplo a Literatura de Antonio Candido; educação, liberdade e formação do pensamento crítico nos textos de bell hooks e Paulo Freire; como também nas teorias de Michel Foucault sobre o papel da escola, que muitas vezes prima pela disciplina, vigilância e controle, em detrimento da qualidade do ensino, do exercício do pensamento crítico e livre, o que pode contribuir para a manutenção de relações desiguais em relação ao gênero raça e classe social, bem como para a propagação de ideias estereotipadas em relação a mulher.

Gostaríamos muito de contribuir na construção de um mundo que possa oferecer às mulheres mais liberdade, segurança, justiça e respeito a sua voz e seus

direitos tão duramente conquistados através dos séculos, principalmente para as que estão se apropriando agora do que “é ser mulher”. Que essas possam transitar em mundo livre da violência, sem julgamentos e preconceitos.

Para o professor Ezequiel Theodoro da Silva, pesquisador da Faculdade de Educação da Unicamp, a escola tem papel fundamental na formação do leitor. Em palestra intitulada- “A leitura no contexto escolar” - (1990, p. 64, 65), realizada no Grupo Editorial Global em São Paulo, ele explica sua visão sobre o ato de ler e a função da leitura crítica.

Ler para compreender os textos, participando criticamente da dinâmica do mundo da escrita e posicionando-se frente à realidade – está a finalidade básica que estabelecemos para as práticas de leitura na escola. Está aí implícita a idéia de que os professores lançam mão de determinados textos, produzidos por determinados autores, para instigar e esmerar a compreensão, a crítica e o posicionamento dos seus alunos. Basicamente, os professores executam um trabalho de direção cognitiva, fazendo uma intermediação entre os alunos e os textos [...]. Esses textos, por sua vez, remetem os alunos-leitores para determinados referenciais, dando origem a espaços discursivos específicos em sala de aula e/ou fora dela. Em sendo assim, vale a pena refletirmos um pouco sobre qual deveria ser a natureza dos textos a serem colocados à disposição dos alunos-leitores. (SILVA, 1990, p. 64, 65)

Através de textos das autoras citadas e do conto selecionado, nós professores podemos inserir, abordar e discutir tais temas com os estudantes, promovendo reflexões e análises sobre as causas, efeitos e consequências dessas violências na vida de meninos e meninas, procurando novos olhares e perspectivas para um problema que dizima vidas, infelizmente tão antigo e atual.

REFERÊNCIAS

BORDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Disponível em:

<<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-poder-simb%C3%B3lico.pdf>>. Último acesso: 28 nov. 2022.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In: Vários Escritos*. 5 e. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf>. Último acesso: 8 fev. 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Brasília, 2005. Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077/8085>>. Último acesso: 23 abr. 2023.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura: discurso e história**. Belo Horizonte, 2003. O Eixo e a Roda. Literatura Brasileira em revista. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3167/3113>. Último acesso: 25 abr. 2023

EVARISTO, Conceição. Shirley Paixão. *In: Insubmissas lágrimas de mulher*. 2 e. Belo Horizonte: Malê, 2016. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/ev1nenc>>. Último acesso: 22 nov. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12 e. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979. Disponível em: <<https://ifbaiano.edu.br/portal/pos-eja-santa-ines/wp-content/uploads/sites/99/2020/07/Educa%C3%A7%C3%A3o-e-Mudan%C3%A7a.pdf>>. Último acesso: 15 dez. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/121335/mod_resource/content/1/Foucault_Vigiar%20e%20punir%20I%20II.pdf>. Último acesso: 05 dez. 2022.

_____. Michel. **A sociedade punitiva: curso no Collège de France (1972 -1973)**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015. Disponível em:< <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2021/02/foucault-a-sociedade-punitiva.pdf>>. Último acesso: 28 dez. 2022.

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Trad. de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019 (1984). Disponível em: <https://docplayer.com.br/133877006-Teoria-feminista-da-margem-ao-centro-bell-hooks.html#show_full_text>. Último acesso: 28 nov. 2022.

_____. **O Feminismo é para todo mundo**. Políticas Arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Disponível em:

<https://img.travessa.com.br/capitulo/ROSA_DOS_TEMPOS/FEMINISMO_E_PARA_TODO_MUNDO_O_POLITICAS_ARREBATADORAS-9788501115591.pdf>.

Último acesso: 15 nov. 2022.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A leitura no contexto escolar**. São Paulo: Unicamp, 1990. p. 61-79. Palestra ao grupo editorial Global. Disponível em:

<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_05_p063-070_c.pdf>. Último acesso:

02 mai. 2023.